

A união faz a força

Cerca de 120 mil pessoas saíram de invasões e favelas do DF para morar na cidade. A ocupação relâmpago foi tumultuada: no local não havia a mínima infra-estrutura básica

GUSTAVO MARCONDES
DA EQUIPE DO CORREIO

Samambaia é a cidade que teve a ocupação mais rápida nos arredores de Brasília. De 1989, quando foi criada oficialmente como a 12ª Região Administrativa, para 1991, mais de 120 mil pessoas saíram de invasões e favelas espalhadas por várias cidades para fixar residência no meio de um cerrado ainda sem infra-estrutura básica. Nos cinco anos seguintes, a população alcançou a marca de 157 mil pessoas, se tornando a quarta mais populosa do Distrito Federal. Nesse período, enquanto o crescimento

“PARA CONSEGUIRMOS ÔNIBUS, ASFALTO E VÁRIAS OUTRAS NECESSIDADES, FAZÍAMOS REUNIÕES EM UMA DAS ÚNICAS IGREJAS DA CIDADE E LEVÁVAMOS AS REIVINDICAÇÕES PARA O GOVERNO”

*Carlito Rodrigues,
repórter fotográfico*

populacional no DF ficou em 2,62%, em Samambaia o número foi quase o dobro: 4,31%.

Mas a ocupação relâmpago resultou em muitas dores de cabeça para os primeiros moradores da cidade. Dificuldades que obrigaram as pessoas a se unirem para brigar por um bem comum. Em diversas quadras apareceram lideranças e grupos em prol do desenvolvimento urbano. A líder comunitária Rosalina da Costa Gonçalves, há 15 anos na região, lembra que os próprios moradores da

quadra 509, onde mora, fizeram o encanamento das casas. “Para conseguirmos ônibus, asfalto e várias outras necessidades, fazíamos reuniões em uma das únicas igrejas da cidade e levávamos as reivindicações para o governo”, lembra outro pioneiro, o repórter fotográfico Carlito Rodrigues. Nos anos seguintes, esse caráter de união do povo samambaiense apareceu em associações, organizações não governamentais, movimentos sociais e entidades populares sem caráter lucrativo. Samambaia cresceu com a força da população unida.

A cooperativa de crédito Credibrasil é um exemplo disso. Formada por micro, pequenos e médios empresários de Samambaia, está fazendo história no Brasil como a primeira cooperativa no país formada por co-

Daniella Sasaki/Especial para o CB/7.4.05



AS DIFICULDADES FIZERAM A COMUNIDADE SE UNIR PARA SUPERAR OS OBSTÁCULOS E CRIAR MELHORES CONDIÇÕES DE VIDA

merciantes de vários segmentos. Já tem clientes em várias cidades no DF e até mesmo no entorno.

Apesar dos exemplos, a educadora Jussara Seidel, diretora do Centro Popular de Formação Vida e Juventude, avalia que as pessoas ainda tentam estabelecer essa cultura de união para toda Samambaia. “Ainda tentamos desvincular os projetos comunitários do assistencialismo. Muitas pessoas querem apenas receber, ao invés de trabalhar por um bem de todos”.

Depois da rápida evolução nos primeiros anos, a taxa de crescimento de população caiu drasticamente. De 1996 a 2000, a média do DF foi de 3,01% e, da cidade, apenas 1,09%. Atualmente, de acordo com projeções da secretaria de Desenvolvimento Urbano e Habitação (Seduh), Samambaia continua mantendo um baixo aumento populacional, da ordem de 1,22%, contra 2,11% do DF.

De acordo com pesquisa da Companhia de Desenvolvimento do Planalto Central (Codeplan), 46,89% dos moradores de Samambaia nasceram no próprio

Distrito Federal. Entre os migrantes, maioria nordestina, com 34,36%. Piauí, Maranhão, Bahia e Ceará são os Estados mais representativos. Os vizinhos Goiás (7%) e Minas Gerais (6,94%) também tem sua participação.

A jovem cidade também tem uma população bem jovem. De acordo com o Censo 2000, 56,61% da população de Samambaia tem menos de 25 anos, sendo que 33,65% destes têm menos de 15 anos. A população de adultos jovens (entre 25 e 39 anos) representa 24,90% do total de habitantes. E apenas 16,79% têm entre 40 e 64 anos e 1,70%, mais que 65 anos. Os números mostram uma população mais jovem que a média no Distrito Federal.

Com relação ao sexo, no entanto, a população de Samambaia segue a tendência de todo o DF. Também de acordo com o Censo de 2000, 51,55% dos moradores são mulheres e 48,45% são homens. Uma razão de 93,99 homens para cada 100 mulheres. É uma tendência reconhecida ter mais pessoas do sexo feminino nas cidades e masculino no campo.